



A IDENTIDADE PÓS-MODERNA DE LAURA EM JULHO É UM BOM MÊS PRA MORRER DE ROBERTO MENEZES: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA SALA DE AULA.

SOUSA, Fabrício Batista (UFCG)

RESUMO

Neste trabalho abordamos a construção da identidade pós-moderna da personagem Laura no romance *Julho é Um Bom Mês pra Morrer*, do escritor Roberto Menezes, um estudo acerca da personagem ao longo da narrativa. Discorreremos sobre os temas: Identidade fraturada, homoerotismo, família tradicional, família contemporânea, e culturas plurais, como essas temáticas configuram a personagem em seu processo de formação humana. Sendo assim, como a literatura é uma das formas de comunicação e interação social, elaboramos uma proposta didática de trabalho com o romance em sala de aula, na tentativa de reconhecer a literatura contemporânea como fato imaginário, porém verosímil, mas também promover um maior conhecimento das temáticas quanto aos aspectos da vida familiar e social do homem pós-moderno. Para tal, temos como contribuições teóricas, os estudiosos: Chevalier e Gheerbrant (2003); Hall (2003); Bauman (2005) e Fernandes (2015).

Palavras-chave: Roberto Menezes. Personagem. Identidade Pós-moderna.

Introdução

Roberto Menezes nos traz um romance pós-moderno, permeado de vários temas que configuram nossa sociedade, em uma narrativa não-linear o autor nos possibilita conhecer a vida da personagem Laura e seus relacionamentos afetivos. Nesse trabalho nos debruçamos sobre a personagem Laura do romance *Julho é Um Bom Mês pra Morrer*, publicado em 2015, pelo o autor Roberto Menezes. Nosso objetivo é analisar um pouco a construção da identidade de Laura no romance e lançar uma proposta didática para o ensino da literatura contemporânea em sala de aula com o livro em questão como norte.

O autor Roberto Menezes Roberto Menezes é paraibano. Nasceu em Santa Rita-PB em 1978. É doutor em física e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e faz parte do Clube do Conto da Paraíba. Possui quatro livros publicados *Pirilampos Cegos* (romance), *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa* (romance), *Despoemas* (contos) e *Palavras que devoram lágrimas* (romance). Sobretudo foi vencedor do Prêmio José Lins do Rego (2011) da Fundação Funesc do Governo do Estado da Paraíba, onde publicou o romance *Palavras que devoram lágrimas*. Têm contos publicados na coletânea *Internautas* da Editora Melhoramentos. É um dos criadores da *FLIPOBRE*.



Em linhas gerais, o romance, *Julho é Um Bom Mês pra Morrer* (2015) conta a história de Laura, blogueira de trinta e cinco anos, que está presa em seu mundo, em seu apartamento, e mediante um mandado oficial terá seu prédio demolido, sendo ela a única moradora, contudo será obrigada a sair do seu apartamento após uma sentença judicial. Porém, ignora os avisos de despejo e decide ficar e aceitar as futuras consequências por conta da sua ousadia. No entanto, decide escrever uma carta endereçada a sua mãe que nunca a vira, uma figura emblemática que a abandonou desde sua infância. Laura conta sua própria história cheia de percalços e obstáculos, vida propriamente descrita em um mundo pós-moderno.

Julho é um bom mês pra morrer: o romance

O título do livro já nos é bastante sugestivo, *Julho é Um Bom Mês pra Morrer*, a ideia de morte se faz presente fortemente. A capa estimula um efeito estético, marcado pelas nuances de uma torre em meio mar, o mar como um local apropriado para se interiorizar, pois representa a travessia. Quando conhecemos a personagem Laura, compreendemos que a personagem já atravessou por grandes fases da vida, e o mar representa essa travessia que proporcionou a ela grandes experiências vividas, às vezes boas, outras vezes ruins, tal como a percepção metafórica do mar. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2003), o mar é:

Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar das transformações e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes, as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvidas, de indecisão, e que se pode concluir bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2003, p. 592).

O mar é configurado em toda vida de Laura, metaforicamente aparece como um caminho que ela encontra para idealizar uma viagem de partida rumo a um destino incerto e desconhecido. Se olharmos detalhadamente para a imagem da capa do livro de Roberto Menezes, há um sino pendurado na da torre em meio ao mar, que por meio da mitologia é um relógio popular e quando está localizado em torres representa tudo o que está suspenso entre o céu e a terra, portanto é o ponto de comunicação entre ambos. Laura encontra-se suspensa, indecisa, sem direção, perdida em meio ao mar, procurando uma saída para que sua vida se torne significativa.

A personagem Laura não possui uma identidade fixa, sua identidade é deslocada, fraturada durante às adversidades corriqueiras da vida moderna, sendo assim há uma



crise de identidade, a personagem não consegue se encontrar mediante os acontecimentos. Ao falarmos de Identidade, temos como base as discussões de Stuart Hall (2003) que põem em questão se realmente há uma “ crise de identidade”, se estaria ocorrendo uma crise com a identidade cultural, em que consiste tal crise e qual seria a direção da mesma na pós-modernidade.

Há uma mudança na questão da identidade, o sujeito não mais é aquele unificado e estável, que possui uma própria identidade, mas agora várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas, como aponta Stuart Hall (2003). Ao adentrarmos no mundo de Laura isso é facilmente notado, ela tenta criar sua identidade através das nuances da vida, não existiu apenas uma Laura, e sim várias.

No tocante da sexualidade, que é um dos nossos pontos de análise, ao longo da sua vida Laura conhece uma moça chamada Teresa, sua professora, por quem se apaixona, e é através dela que Laura descobre seu desejo, seu comportamento sexual perante a sua suposta identidade de gênero.

Eu era uma criança quando conheci Teresa. Oitava série, pré-história. Noventa e quatro passou a mil. Cada dia uma ansiedade diferente, algo tava pra brotar em mim e nem suspeitava serem os hormônios já começando a me transformar nessa Laura sem paz, sem força motriz que não pede pra ter, chegava com tudo. (MENEZES, 2015, p. 32)

A identidade de gênero de Laura é subentendida através do *desejo homoerótico*. A escolha dos termos “ homoerotismo” e “homoerótico” é fundamental para a discussão sobre a sexualidade da personagem, pela abrangência que a palavra acarreta. São vários conceitos operacionais, tais como: *homossexual, homoafetivo, homoemocionalismo*, dentre outros. Segundo Fernandes (2015) as questões conceituais são bastante relativas mediante as escolhas por determinada terminologia, há uma questão organizacional na escolha de tal termo.

De fato, nos estudos e gênero os mais variados conceitos que vem sendo questionados pelos estudiosos das homossexualidades, usamos, preferencialmente, os termos acima de acordo com as possibilidades interpretativas do romance em questão, sobretudo da personagem Laura, considerando os sentimentos que são entrelaçados ao seu desejo.

Os discursos de Laura para com Teresa solidificam um afeto, uma referência, e talvez uma identidade, a personagem tenta se enquadrar na sua identidade de gênero. Na trajetória da sua vida, em determinado momento, Teresa foi sua musa inspiradora, o que a torna diferente das demais adolescentes, que possuem a mãe como referência de vida



no auge da sua identidade, e ela nunca conheceu sua mãe. Como ela mesma disse: “sempre procurei combustíveis para me impulsionar. (MENEZES, 2015, p. 30)

A personagem revela sobre si o desejo e a carência de Teresa para tomar sua completude. Como diz Fernandes (2015) o desejo está associado à falta, à carência, à ausência e, quando associado ao amor o desejo passa a ser empregado de forma semelhante, isto é, como um sentimento benigno direcionado de uma pessoa para outra [...]. Diante disso, é o que acontece nas lembranças afetivas de Laura:

Hoje acordei com o cheiro dela em meu corpo. Loucura? Não. Hoje acordei me sentindo a própria Teresa. Hoje acordei com a Teresa dentro de mim. Sua pele macia, seu rosto fino. Ela, uma dúzia de centímetros de nada mais alta que eu. O que ela pensou enquanto me beijava? Não sei. Eu, sei bem o que eu pensava. Queria ficar ali pra sempre. Queria morar com ela. Os astros pareciam ter conspirado praquele momento. (MENEZES, 2015, p. 37)

Um ponto a ser analisado é quando Laura “se sente a própria Teresa”, nesse momento ela toma a identidade de outra pessoa para si, como se sua própria identidade não lhe bastasse, então sua identidade muda conforme o sujeito é representado, é a representação de Teresa que Laura se identifica com suas vontades, necessidades, desejos e interesses.

Mediante alguns acontecimentos no decorrer do romance, há o conflito da separação de Teresa e Laura, quando Laura vai “apaixonadamente” em busca de Teresa, que se encontrava na universidade, local onde lecionava:

[...] entrei numa sala de aula da UFPB, interrompendo uma palestra de pós-graduação para demonstrar em público o meu amor por Teresa, os astros pareciam ter conspirado sim, pro primeiro grande ato ridículo de minha vida. Até hoje escuto as gargalhadas, “Ai que linda menina apaixonada”. Teresa levantou do centro da sala. Pensei que ia receber meu buquê. Que nada, passou direto, me deu as costas. Nunca mais falou comigo, Será que nascem asas quando se perde o chão? Era meu aniversário. (MENEZES, 2015, p.38)

Nesse momento, Laura é abandonada e desprezada mais uma vez, o que se toma como referência central na obra. O desprezo de Teresa, vai de encontro com o abandono da sua mãe Lucy, em linhas gerais, a personagem foi rejeitada por duas mulheres, sua mãe e o grande amor de sua vida. Laura por meio de suas memórias traz a tona todos esses acontecimentos, e questiona a representatividade da vida, mediante os fatos de desencontros do amor. A sua identidade é perdida novamente, já não é mais Teresa, talvez a torre isolada no meio do mar.



Mediante o abandono de Teresa, posteriormente, Laura procura outra forma “concertar” sua vida, pois a dor do desprezo é constante na magnitude da sua vida. A personagem parte para outra configuração de vida, deseja apagar tudo que foi vivido com Teresa e construir uma família tradicional. Gomes (1988) assim define a família tradicional:

Uma união exclusiva de um homem e uma mulher, que se inicia por amor, com a esperança de que o destino lhes seja favorável e que ela seja definitiva. Um compromisso de acolhimento e cuidado para com as pessoas envolvidas e expectativa de dar e receber afeto, principalmente em relação aos filhos. Isto, dentro de uma ordem e hierarquia estabelecida num contexto patriarcal de autoridade máxima que deve ser obedecida, a partir do modelo pai-mãe-filhos estáveis. (Gomes, apud Szymanski 1995, p.25.)

Sendo assim, pelo modelo heteronormativo Laura queria dar continuidade a sua família, para isso se envolve com Álvaro, personagem pelo qual se relaciona e se casa: “Olhei para Álvaro e vi ali um caminho pra zerar o século. Ter dezena de filhos, ramificar meu lado dessa necessária árvore genealógica.” (MENEZES, 2015, p.66). Então Laura em seu mundo de dúvidas e receios tinha como intenção seguir essa ordem, na esperança de um futuro melhor, em que ela se encontre.

Notamos, a desventura de Laura em relação a sua vida, ela parte para buscar sua felicidade construindo uma estrutura da família tradicional (ser heterossexual, casar e ter filhos), porém sua escolha é evidenciada pela ausência, ela procura algo que preencha o seu abandono e vazio. Portanto teve em Álvaro essa chance de tentar ser feliz, já que as duas principais mulheres da sua vida a deixaram. Contudo, a personagem não consegue adentrar nesse padrão imposto pela sociedade, a promessa é quebrada, fica claro quando ela se separa de Álvaro antes de um ano de casamento:

Laura bicha doida aceita Álvaro Nascimento Souza como esposo? O sol nasceu, eu aceitei a proposta do homem estranho. Por que ele? E quatro meses depois, lá tava a gente fazendo poses pra fotografia... o casamento nem chegou ao fim do primeiro ano [...] Ele me prometeu a aurora que eu não pude dar. Promessa não cumprida, Álvaro ficou livre pra sair pelo espaço à procura de outra mulher.(MENEZES, 2015, p.67)

Laura foi criada pela avó, pois sua mãe a abandonou desde sua infância, seu pai não a ajudou no processo de criação, Jonas via Laura apenas como um simples interesse. No entanto, Laura está configurada no meio da família contemporânea, a que não é criada por pai nem mãe. Porém, sua avó teve sua vivência em uma família tradicional, casada, com esposo e filhos. “Me deixe falar mais de voíinha. Pra começar,



ela teve seis filhos, não três. Não é viagem não, foi isso.” (MENEZES, 2015, p. 50).

Embora voíinha tenha construído uma família tradicional, ela rompe com a configuração familiar quando seus filhos morrem afogados, a tragédia faz com que ela deixe seu lar, seu esposo que foi causador da morte dos filhos, e procure uma nova história para superar a dor da perda.

Diante de todos os relacionamentos, a personagem Laura perde mais ainda sua expectativa de vida, ela prefere ficar isolada do mundo, não há mais necessidade de compor sua vida sexual, social e cultural. Os desgastes da vida e do abandono fizeram com que ela perdesse o desejo sexual e também o desejo de viver, ela entra em uma “crise de identidade”. Mediante isso, Laura diz ser um ser *assexuado*:

Nessa altura, eu já era um ser assexuado. Sem tesão. Minha mente se fechou pra balanço. “Como, Laura, você não sente mais vontade de ficar com ninguém?”, nem sei mais quem me perguntou. Não sei, aconteceu, foi acontecendo. Enjoei dos homens que sabiam me pegar de jeito. Mulheres não mais me encantavam. (MENEZES, 2015, p. 64)

Laura anula sua sexualidade, o que não a isenta do seu desejo homoerótico, como também anula todas as possibilidades de construção de família, seja ela tradicional ou contemporânea. Sua identidade foi fraturada no percurso da sua vivência. Bauman (2005) nos diz que “A questão da identidade também está ligada ao colapso do estado de bem-estar social e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a “*corrosão do caráter*” que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade.” (BAUMAN, 2005, p. 11)

A corrosão de caráter é a manifestação mais marcante da profunda ansiedade que caracteriza o comportamento, a tomada de decisões e os projetos de vida na sociedade ocidental. Na vida de Laura é justamente o que acontece, a personagem tem um comportamento camuflado aos fatos, a ansiedade de ser alguém na vida, no mundo, faz com que sua flexibilidade de mudar de identidade aconteça.

Laura em seu mundo pós-moderno modifica a cultura em que estava inserida, há uma quebra de paradigma, sua vida configura-se do modo de como ela queria que fosse, porém nada que ela planeja ou almeja é concebido. Bauman e May (2010) discorre a respeito da cultura:

Cultura diz respeito a modificar coisas, tornando-as diferentes do que são e do que, de outra maneira, poderiam ser, e mantê-las dessa forma inventada, artificial. A cultura tem a ver com a introdução e a manutenção de determinada ordem e com o combate a tudo que dela se afaste, como



indicativo de descida ao caos. Tem a ver, então, com a substituição ou complementação da ordem natural (o estado das coisas sem interferência humana por outra artificial, projetada. E a cultura não só promove, mas também avalia e ordena. (BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. 2010. p. 203)

Sendo assim, a cultura deve ser entendida como a capacidade do homem de alterar e dar novos significados à natureza que o cerca. Todo resultado desta interpretação ou alteração é produto cultural da humanidade, mediante as decepções que Laura sofre ao longo da narrativa, a personagem interpreta e modifica a cultura ambiente, por meio de sua visão e necessidades.

Ao observar o comportamento de Laura, transcrita em um passado relativamente próximo, sua vida enquadra mudanças, questiona identidades impostas, algo que a sociedade obriga a ser, seguir um padrão de comportamento linear. Foram resignados papéis tradicionais e normativos para que Laura seguisse a risca, porém diante dos seus limites a personagem não corrobora com o processo de imposição de cultura. O paradigma da cultura tradicional é quebrada, e as modificações na vida da personagem cria uma variante de possibilidades, pois a todo momento ela reconstrói e reinventa sua vida.

Em uma visão ampla, Laura não possui uma identidade unificada, ela assume identidades diferentes em diferentes momentos, suas identificações são totalmente descoladas, fraturadas, ela não se encontra e entra em um mar de melancolia. As perdas que a personagem sofreu no decorrer da narrativa propagam uma variedade de Laura's, todas com intenções e perspectivas diferentes, submetidas a se acharem no mundo, cheio de peripécias e desilusões, um mundo que acolha sua dor e a deixe caminhar numa vida normal.

A falta de afeto colabora para a autodestruição de Laura, ela segue sua vida em busca de algo que a preencha, um combustível que a impulse a seguir a vida, portanto procura meios (drogas, religião, festas, etc.) que preencham esse sentimento que tanto perturba sua mente. Laura é inundada em um mundo pós-moderno, com alavancas econômicas, políticas, sociais e sobretudo culturais, a pluralidade cultural em uma série de supremacias que alimentam o mundo. Os valores são mudados, tudo é novo, efêmero, tecnológico, a lei do descartável é colocado em pauta, desde os corpos até a manipulação dos desejos, assim facilitando a mercadificação de coisas e gostos.

Sendo assim, Laura é um sujeito pós-moderno, conceptualizado por Hall (1987) como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna



uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Laura quebra com nosso sistema cultural e refaz sua identidade da sua maneira, quebrando os padrões impostos pela sociedade.

Os conflitos vivenciados por Laura propiciam características para o seu desfecho, é sua identidade que é posta em jogo, o abandono da mãe desde criança é o ponto de partida para que se possa compreender toda complexidade da personagem, bem como o seu desejo homoerótico. Roberto demonstra uma preocupação realista na construção de Laura, isso parece ter ficado bastante evidente.

A separação e, também a íntima relação entre ficção e realidade fica clara na configuração da personagem Laura de Roberto Menezes. Essa distinção entre pessoa e personagem corresponde a uma preocupação antiga dos estudos literários no que diz respeito a caracterização da personagem e sua construção pautada na ficcionalidade.

Proposta de Didática

Como proposta didática pensamos em uma turma de 3º ano do ensino médio, na qual possamos levar o livro para leitura e discussões, funcionalizando o papel da literatura em sala de aula, fazer assim, uma ponte construtiva de conhecimento. O livro permitirá aos alunos uma comunicação entre sua realidade dentro da literatura, que nesse caso é o mundo de Laura do romance em questão.

O primeiro momento da abordagem seria o conhecimento do livro, uma breve explanação sobre o conteúdo e história do romance, com questões norteadoras que instiguem o senso crítico do aluno e incentivem para o gosto da leitura. Fazer um cronograma de atividades e lançar a proposta do produto final ser um encontro com o autor do livro Roberto Menezes. Em sequência explorar com alguns conceitos da literatura ficcional e contemporânea, o que se entende por esse viés da literatura atual e qual o acesso dessa literatura em sala de aula.

O segundo momento é composto por módulos de leitura do livro para possível debate, de modo em que a estrutura possa permitir a leitura e análise do romance, sendo assim, divide-se os capítulos para leitura conforme o calendário e planejamento escolar.



Introduzir os alunos no universo do romance é o principal objetivo, bem como discutir a literatura empregada no livro.

O terceiro momento é designado para estabelecer a compreensão global da obra, logo após a leitura cada aluno irá expor seu ponto de vista a respeito da obra, qual elementos forma encontrados no decorrer da narrativa. Após a leitura global do romance, haverá um módulo para estabelecer a relação entre a literatura contemporânea e a obra, quais as temáticas centrais da obra.

O quarto momento é visto para a apresentação de seminários a respeito da obra e suas temáticas, na qual os alunos partilharão os conhecimentos após a leitura crítica. Cada grupo abordará uma temática vivida por Laura no livro, como tal temática (des) influenciou na identidade da personagem, e logo após um debate de considerações de todos os grupos apresentados.

O quinto momento será a produção final mediante todas as discussões, é neste momento que será elaborado uma “mesa redonda” para debater sobre as questões do livro. Para isso, o autor do livro, Roberto Menezes, será convidado para participar do evento e mostrar um pouco da sua visão a respeito de sua própria obra, os alunos poderão levantar questionamentos em respaldo da obra. Um ponto positivo de ser estudar uma obra contemporânea é o contato com o autor. Dessa forma encerraremos nossa proposta para o estudo da literatura contemporânea em sala de aula.

Considerações Finais

Roberto Menezes traz para o texto uma instância ficcional com aspectos da realidade: o mundo, os sentimentos, os relacionamentos, as reflexões de um mundo pós-moderno, determinados comportamentos e vários tipos de pessoas. Sabemos que não é possível mensurar totalmente a complexidade da vida e das pessoas através de um romance e de uma personagem, porém a configuração de Laura vai além de uma personagem de ficção, apresenta um perfil ilimitado de características humana, isso Menezes (2015) faz com excelência.

Roberto Menezes apresenta Laura à profundas reflexões e indagações sobre seu papel existencial, social e cultural, e por fim sua identidade é totalmente fraturada, como já discutimos. No tocante da questão homoerótica, Roberto tenta neutralizar de forma



espontânea a relação afetiva da personagem, bem como propõem a não identidade, performatividade do sujeito.

Nossa proposta de ensino engloba a literatura em sala de aula, pois, cremos que por esta visão de trabalho, o aluno aguçará ainda mais seu pensamento crítico a respeito do cotidiano em nossa sociedade. A literatura permite esse diálogo entre ficção e realidade, um quesito de grande valia para alunos do ensino médio que estão em formação de um senso crítico, e essa didática ajudará para a atentar-se para um olhar reflexivo da literatura e do mundo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do Século XX**. 1. ed. São Paulo: Scortecci, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A,. 2000. In: ETD - Educação Temática Digital 5 (2004).

MENEZES, Roberto. **Julho é um bom mês pra morrer**. 1. Ed. São Paulo: Patuá, 2015.